



A distinta artista **INÈZ GARCIA**, 1.^a tiple do Teatro Politeama

Segunda série—N.º 441

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 3 de Agosto de 1914

Director e proprietario: **J. J. DA SILVA GRAÇA**
 Editor: **José Joubert Chaves**

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
 PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição
 e impressão: **RUA DO SÉCULO, 43**

Edição semanal do jornal
O SÉCULO

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
semestre...	2840	10 centavos
Ano.....	4850	

Agencia da **ILUSTRACÃO PORTUGUEZA** em Paris, rue des Capucines, 8

A Fotografia das côres
com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais fácil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as côres da natureza.



Livia Otero

Mad.^{me} LIVIA OTERO em Lisboa CRÈME BELEZA

Madame Livia Otero, Tendo feito sobre a beleza e artigos de toilette os mais profundos estudos e experiencias, a minha genul clientea poderá, por meu intermedio, conseguillo.

Selo desenvolto, mais forte, mais redondo, perfeito, ideal, dando ao corpo uma beleza fascinante e uma delicada brancura, poderá tel-o qualquer senhora ou menina com o perfumeado Crème Beleza. Efeito maravilhoso em 30 dias. Dá tambem a face de todos uma formosura sem equal, torna a pele do pescoco e da ca: a mais branca, lisa e asseitinada, tira as rugas do rosto, sardas, manchas, cicatrizes, panno e todos os sinais das beixias.

Enviã-se todas as explicações juntamente Gratis as Instruções com fotografia para usar e conselhos uteis, para as senhoras e meninas, para se conservarem mais bonitas. Preço de uma caixinha grande de Crème Beleza com uma caixinha Gratis de Pó Dentifrico, 1\$300 réis, e de uma pequena caixinha que serve só para experimentar, 300 réis. Pelo correlo mais 25 em estampilhas.—Dirigirem-se a Madame LIVIA OTERO, Rua da Prata, n.º 156, LISBOA.

COM FILIAL NA RUA DO BOMJARDIM, N.º 202 — PORTO

A cura dos cabelos e Depilatorio Moderno

Os meus preparados são de surpreendentes efeitos, quer para evitar a queda dos cabelos, quer para os fazer nascer e crescer abundantes, fortes e ondulados como os meus. Pagamento depois de obtido o resultado. Explicações gratis, Bem como relativamente ao meu Depilatorio moderno, para o radical e completo desaparecimento dos pelos no rosto em cinco minutos, tão eficaz que nunca mais voltam a nascer.—Dirigirem-se a

Madame LIVIA OTERO
Rua da Prata, 156—LISBOA

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Sabonete preparado
com os saes das Aguas



de *Chizella*

o melhor para a pelle



ANEMICOS, CORCOVADOS
DISPEPTICOS, VELHOS
CONVALESCENTES

Tomae de manhã e á tarde uma chavena do delicioso

PHOSCAO

(Antigamente Phospi e Cacao)

O mais poderoso, dos reconstituintes; o unico alimento vegetal aconselhado por todos os medicos tanto aos enfermos como aos saos.

REMESSA GRATUITA
De uma caixa para experiencia

Depositor: FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcelona (Hispanha)
Mercerarias, Pharmacias e Drogarias

PARA QUE VIVER ?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor X.T.A.L.O. 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 — PARIS.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

SAUDE, FORÇA, ENERGIJA
Molestias dos Paizes quentes.

**FERRO
QUEVENNE**
COM A ANEMIA
FEBRES, DEBILIDADE
Activo, agradável,
economico, inalteravel.
Triguez e Sello da "Union des Fabricants"

Perfumaria

mimosa

102-Rua do Ouro-104

Telefone 4050

As Ultimas Novidades

Joalheria Lory

Grande sortid' de brincos e colares de perolas de 30800 a 3.000\$00. Todas as joias d'esta casa são fabricadas com platina pura. Retomam-se as mesmas com 10 % de desconto.

ROCIO, 40 — Telefone 2483

Sederia Schweizer

franco de porte a domicilio
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco.
Schweizer & Co., Lucerne E II
Suissa

O espectro da guerra

O atentado de Sarajevo teve como consequência uma guerra austro-servia. A guerra austro-servia determinará amanhã, em virtude dos compromissos internacionais existentes, uma conflagração europeia. As vidas dos dois arquiduques vão custar milhares de vidas. O sangue real de Habsburgo far-se-ha pagar por uma hecatombe. Aos dois tiros que prostraram Francisco Fernando d'Austria e a prince-



za de Hohenberg, responderão, n'uma gigantomáquia de esquadras, as guelas d'aço de centenas de Krupps. Ha quem, n'este «gâchis» internacional, receie pelos pequenos paizes. Ha quem já os veja, como na concepção de Aristophanes, esmagados no almofariz formidável da guerra. E' um exagero de pessimistas. O que as pequenas nações devem recear, não são os conflitos entre as potencias; são os acordos.

O caso Calmette-Caillaux

Os jornaes anunciam a liquidação do caso Calmette-Caillaux. Noticiando o julgamento d'esse «fait-divers» d'alcôva entre arqui-milionarios, dizem que madame Caillaux foi absolvida. E, entretanto, não me parece que tivesse sido rigorosamente assim. A mulher do ex-ministro das finanças não se applicou, é certo, nenhuma



das penalidades estabelecidas nos codigos; mas foram-lhe infligidas, durante o julgamento, torturas moraes que, por não estarem consignadas na lei como sanção penal, nem por isso deixam de constituir um castigo. Não. O juri não poude absolvel-a da tremenda expiação que a espera, quando, ao regressar á sociedade e a despeito de todas as sentenças absolu-

torias, a assassina de Calmette sentir que as primeiras portas se lhe fecham e que, perante a sua luva ensanguentada, surgem, inevitavelmente, os primeiros indicios de constrangimento e de repulção.

O monumento a Pombal

A procuradoria da Republica emitiu o parecer de que deve ser anulada a decisão do juri no concurso para o monumento de Pombal.

Ignoro se o sr. ministro da instrução, espirito nobremente ponderado e eminentemente culto, se conformará com a opinião d'aqule alto corpo consultivo. Desconheço tambem os fundamentos juridicos da consulta apresentada. Quer-me parecer, porém, que a ser dada por nula a decisão do juri — e, se o fór, decerto o será com toda a justiça — a questão fica ainda muito longe da sua solução pratica. Com effeito, depois de tudo quanto se tem passado, admitido o precedente funesto do recente concurso, — onde encontrará o governo meia dúzia de homens de tanta benemerencia e de tão notavel ingenuidade que se prestem ao sacrificio de constituir um juri d'arte em Portugal?



Eleições

Contra o que se previra a certa altura das negociações politicas, o parlamento abriu e funcionou. Não compareceram os parlamentares evolucionistas e, em seguida a um incidente com as direitas, saíram da sala os unionistas.

Vão convocar-se os collegios eleitoraes. Vae chamar-se a nação a pronunciar o seu voto definitivo. O futuro dos agrupamentos partidarios depende d'esse voto, — que não será, amanhã, senão a expressão da vontade politica de alguns nucleos ativos dispersos n'uma massa formidável de comodistas e de indiferentes.



JULIO DANFAS.

A reconciliação



gora, ao entardecer da vida, quando todas as energias começam a esmorecer com a tristeza das flôres que lentamente se desfolham e a saudade das canções idílicas que expiram, André tinha uma consolação única:— o filho, que era ainda criança de tenra idade mas que suavemente adoçava a amargura das suas crises moraes com

o puro afago das mãosinhas cõr de rosa e que lhe desanuviava o negrume do sofrimento fazendo alvorecer um riso de meiguice na sua boca enghlhada e sarcastica, correndo para ele mal o via apaeecer em casa e chamando-lhe papá com a sua carinhosa e musical voz infantil. ¡Ah! esse filho! Com que indizível comoção e com que funda anciedade o desejou n'uma epoca em que a sua existencia deslisava sem sobresaltos!

N'esse tempo, André era supersticioso, o misterio inviolavel da morte tranzia-o de pavor. Revoltava-se contra a idéa, que o seu entendimento julgava absurda, de acabar definitivamente n'uma cova escura, sob alguns punhados de terra, sem que dele, da sua atividade, da sua intelligencia, restassem vagas memórias, recordações afétiyas, obras, factos, fundamentos. De certo que o seu espirito subtil se insurgia contra este destino. Mergulhava em demoradas cogitações, e recusava-se a admitir— tão monstruosa lhe parecia tal suspeição —que tivesse nascido apenas para a dôr, para a angustia, para a desilusão, caindo ao fim d'uma aspera caminhada no silencio eterno da sepultura. Tinha uma ardente fé no ritmo, na harmonia, no supremo poder duma força consciente e transcendente que governava o universo e que para a sua crença era Deus: e, precisamente por isso não podia acreditar que esse Deus, a maxima sapiencia, a maxima justiça e a suma perfeição, lhe tivesse dado com o sêr, uma sensibilidade e uma comprehensão das coisas apenas para que elle soffresse e fosse desgraçado, indo depois adormecer no sóno perpetuo do sepulcro quando cumprisse uma severa missão que o condenava ás lagrimas da miseria e aos alucinantes alarmes do sentimento sem que houvesse praticado o menor crime ou delicto que merecesse duras expiações. Considerava então que, na natureza, tudo se subordinava a um principio e tinha a sua utilidade:—as arvores, as aguas, as rosas, os frutos, as formas inanimadas, as pedras inertes, as infinitamente grandes e as infinitamente pequenas! Deus era onipotentemente sabio e onipotentemente justo: e, sendo

assim, não o atiraria com indifferença ás crueldades da terra, só para que chorasse e pedecesse. No turbilhão da vida universal, André não representava, de certo, uma superfluidade. Evidentemente, vivia para exercer uma determinada acção e d'algum modo influiria no equilibrio cosmico. A porção de materia que compunha o seu organismo e a prodigiosa centelha de luz que illuminava o seu cerebro, haviam de ter, necessariamente, uma significação obedecendo a um enigmático fim. Mas qual seria elle?

Foi neste momento de duvida que se voltou para o amor, com a sinceridade d'um apostolo, procurando a paz e a ventura transitoria no doce riso com que os deuses serenamente comunicam com os homens. A esse amor pediu ele com sofredugido que lhe apasiguasse a magoa das indecisões. Como a sua antiga certeza na

eternidade da vida estivesse muito abalada, queria ao menos perpetuar-se atravez das gerações e da civilização por outros sêres humanos que tivessem nas veias um pouco do seu sangue e nas figuras exteriores alguns dos seus traços plasticos. Eram o egoismo e o medo atraz do nada que o conduzia para as aventuras sentimentaes a que até ali fôra refratario, passando pelos corações femininos sem lhes escutar a pulsação apressada e passando pelas adorações sem lhes sentir o brando calor. Decidiu casar-se, mais por impulso d'estes pensamentos do que por uma forte inclinação amorosa. Era rico, fruía abundantemente todos os favores da fortuna, mas não possuía a tranquillidade interior que pacifica e torna resignados com a humilhação e a tortura, tantos grotescos, tantos pobres deserdados, tantos pobres de toda a pobreza! Com essa tranquillidade benefica sonhava no momento em que entrou em casa, de regresso da cerimonia nupcial, em companhia de Tereza, rapariga resplandecente d'uma beleza que seduziu os seus olhos e que á desolação sombria lhe levou um dourado raio de sol. Durante claros mezes de repouso e de graça —que tão rapidamente se apagaram!— André viveu na doce perturbação da sua carne satisfeita, esperando com ancia por esse filho que divinamente lhe prolongaria os anos e que com abnegação e candura lhe ampararia na velhice os passos vacilantes.

A primavera tinha chegado á sua vivenda e ao seu espirito. Enfloravam as roseiras de trepar, das mimosas pendiam cachos de ouro, que a claridade trespassava e que se exalavam em aroma, cantava um ninho em cada ramo de arvore, e na



ilusão de André havia uma esperança radiosa. Mas o tempo foi fugindo com suas impercíveis azas de seda e de sombra, e no lar não desabrochou a flôr cubçada. Novamente a tristeza baixou sobre ele, se colou á sua ilharga, o penetrou de aflição e de desespero, não o abandonando nunca.

Afinal, a esposa que com tão sincera meiguice procurára para que ela fosse uma docil consolação do seu infortúnio e da sua solidão e uma admirável mãe que povoasse de cabecitas louras e angelicas e de pequeninas almas delicadas o seu deserto, era infecunda, mentindo, sem o saber, á confiança suprema que n'ela puzera! De certo que a não acusava pela sua esterilidade. Que culpa tinha Tereza na segura do seu ventre e na aridez do seu seio de mulher? No emtanto, a adoração de André por ela esfriou, mesmo con-

— Dize, meu amor! Ha em ti um segredo que me escondes. Olha para mim!...

— Mas deixa-me!... — atalhava André brutalmente.

Ela, então, retirava-se, soluçava, falava em morrer, fechava-se no seu quarto, enquanto André, julgando se com frieza, reconhecia que era injusto e grosseiro contra quem lhe não merecia injustiças nem grosserias. Ia ter com Tereza, que se queixava encolhida a um canto, rendida e desfeita em pranto, beijava-a com fervor, tocava-lhe com as pontas dos dedos na brancura da face, implorava o seu perdão—esse magnanimo perdão que ela concedia sempre. Ah! se Tereza lhe dêsse um filho, como André seria feliz e como a amaria com reconhecimento! Mas não dava, e isto irritava-o, trazia-o permanentemente fóra de si, ruminando o seu mal imaginario n'uma exaltação



tra sua vontade. Como marido, pedia-lhe, para completar o seu bem estar e socegar as suas inquietações íntimas, alguma coisa que ela não podia dar-lhe, muito embora quizesse: e por esta falta involuntaria, arrependia-se de ter casado, isolava-se, fugia, contristado, aos beijos de Tereza, sacudindo-a bruscamente quando ela, estranhando-o, o ia descobrir ao seu refugio, abraçando-o com enternecimento e perguntando com voz dorida e queixosa:

— Tu que tens?

Repelindo-a com azedume, exclamava:

— Não tenho nada! Deixa-me!...

Tereza envolvia-o n'um olhar enevoado de lagrimas, teimava nas suas carícias, sentava-se-lhe nos joelhos, amimava-o com toda a sorte de meiguices que apenas as mulheres que muito amam conhecem.

continua dos sentidos. Ele queria esse filho, que seria o prolongamento da sua personalidade, chamava-o com raiva, suplicava-o como o maior dom que o céu—constantemente mudo aos clamores dos que sofrem—poderia fazer-lhe! E todas as suas fúrias, todos os seus arrebatamentos, todas as suas devoções eram inúteis! A vida, para ele, transformava-se n'um inferno...

Um dia, porém, entrou na habitação de André uma criada nova. Chamava-se Luiza, tinha dezesseis anos, estava em plena gracilidade da adolescência. A sua boca era vermelha e virginal, os seus olhos eram inocentes e de um negro humido. Do seu corpo de curvas harmoniosas evolava-se o encanto e a castidade. Na primeira semana, André nem sequer reparara n'ela. Uma vez, porém, ao sair do quarto, encontrou a moço corredor e casualmente a sua roupa toçou de leve o ves-

tido de Luiza, que se afastou, córando e fitando em André um olhar de humildade. Olhou-a também, por simples curiosidade, e ela sorriu-se. Este riso de inocência foi, a partir d'esse instante, a obsessão de André, á mesa, com a esposa, na conversa, com os amigos. Interrogava-se, e experimentava um goso indefinido n'este interrogatorio:

— Ela gostará de mim?

As saborosas suspeitas foram aumentando. Cor-tejou Luiza ás escondidas da esposa, fez-lhe todas as promessas, facilmente se apoderou de uma ingenuidade que tudo ignorava do mundo e do amor.

Luiza entregou-se-lhe sem resistencia— e teve de sair da casa já quando mal podia encobrir a gravidez. O jubilo de André foi esplendido, perturbante, indivisível. O filho durante tantos anos sempre enganosamente esperado, seria em breve uma realidade!

Com que constancia, com que febre, com que ternura complicada de gratidão ele principiou então a querer a essa rapariga do povo, que lhe oferecera, com a sua pureza e a sua formosura de virgem, uma ventura ideal de que já descria! Instalou-a n'uma vivenda discreta e retirada de todo o ruído, rodeou-a dos mais cuidadosos confortos e consagrou-lhe as suaves horas da sua alegria. Recolhia tarde, andava alheado, embebido no seu sonho, distante da realidade.

Tereza, surpreendida, espiou-o com facilidade — porque o amor não se esconde— soube que André tinha outra mulher. Essa mulher fôra sua serva, por ela a trocára o marido; na sua casa, junto da esposa legitima, a seduzira— e era isto que a humilhava até á vergonha. Poderia ser clemente para outro qualquer desvario. Para aquele, não. Desdenhosa e cheia de colera, procurou André, dizendo-lhe secamente:

— Vou-me embora d'aqui, cedendo o logar ás criaturas que o senhor mais estima!

— O quê?— perguntou ele, empalidecendo.

— O senhor tem uma amante! Negue!...

— Tenho, é certo, não nego!

— E uma amante que, foi minha criada, que o senhor naturalmente apeteceu ao meu lado, traindo-me e beijando-me talvez com os labios sujos dos beijos que a ela lhe dava. Não posso continuar a viver com um homem que pratica estas vilezas!

Tereza falava torrencialmente, n'uma grande agitação nervosa. André compadeceu-se da sua dor, e pretendeu serenal-a com palavras afetuosas.

— Ouve!...

— Não ouço nada! Para quê? Ha de dizer-me que me ama, ha de querer explicar o que não tem explicação... Sou generosa. Não o obrigarei a mentir!...

— Mas escuta!...

Desejava revelar-lhe o motivo humano d'aquella traição, para que ella soubesse que só o seu amor por um filho o forçara a esquecer o que devia á sua dignidade conjugal e o respeito de que Tereza era merecedora.

— Não quero escutar!... Levo d'aqui apenas as joias que meus paes me deram. Ao senhor deixo tudo o mais.

— Tereza, atende!...

— Adeus! Basta de comedias!

A separação ruidosa foi um escandalo, que André afrontou altivamente com o orgulho do filho

que ia nascer e que tanta luz levaria á sua escuridão e ao seu abandono. E nasceu com efeito, d'aí a um mez, custando a vida á pobre mãe, que morreu de uma febre puerperal! A existencia de André concentrou-se toda á volta d'aquello pequenino ser, que era apenas um sopro, um botão de rosa, um destino que alvorecia e que, apesar d'isso, enchia as vastas profundidades de uma alma! Embalava-o no berço, entre rendas e macias plumagens, velava-o durante os sonos, pegava-lhe ao colo com infinitas delicadezas! O filho era para André o seu Deus, a unica razão da sua vida. Com o lar desfeito, a saudade de uma mulher que o amára e que, apesar d'isso, o não compreendia, sem outras adorações e outros cuidados que o absorvessem, ia idealizando para a criança, nas suas ambições de pae, as glorias do heroismo ou da sua idade. De quando em quando, porém, vindo a casa deserta do vulto gracioso de Tereza que outr'ora a tinha povoado, experimentava um fundo remorso por ter feito a irremediavel infelicidade de alguém, só para que elle fosse egoistamente feliz.

Escrevia então a Tereza longas cartas implorando mais uma vez um perdão n'outros tempos tão facil e pedindo-lhe que voltasse a ser a mais extremosa e estremecida das esposas. Estas cartas, porém, ficavam sem resposta, e André, melancolicamente, murmurava:

— Eis o castigo!...

Aos dois anos, porém, o filho adoeceu repentinamente, e André sentou-se perto d'ele inquieto, desvairado. Em certos momentos, o pequenino que quasi não fazia volume entre a roupa da cama, bolia com as mãos debeis, gemendo:

— Papá, doe-me aqui muito!...

E apontava para a cabeça docemente pousada sobre fôfos amofadões.

— O! meu amor!— exclamava André, alucinado. Porque não hei de sofrer eu, que tenho mais forças e mais peccados do que tu?

E, na sua tortura, André via a falta d'uma enfermeira carinhosa, que tratasse aquella flôr humana com um carinho que elle ignorava.

— Porque ha de Deus roubar as mães ás crianças doentes, justos céus!— bradava.

A doença foi-se agravando consecutivamente e André, louco de paixão, incapaz de resistencias, de novo chamou com angustia Tereza, gritando-lhe:— «O meu filho morre! Tem dó d'ele e de mim, que no mundo, conto apenas com o teu aêto e a tua caridade.»

Horas depois, Tereza aparecia, vestida de preto, envelhecida, macerada. Dois anos de padecimento tinham-lhe queimado toda a beleza e todo o encanto de mulher.

— Aqui estou!— disse ella, estendendo os braços misericordiosos para André e encostando-lhe com brandura a cabeça ao peito.

— Papá, doe-me tanto!...— balbuciou o doente.

— Tereza, eu não acredito nem na vida, nem nos homens nem na ciencia— afirmou André. Creio no teu amor, que é generoso e que perdôa. Salva-o tu! Ficará sendo o filho da minha carne e o filho da tua piedade!

E junto do braço leito do enfermo, trocaram então o beijo puro, imaterial, redentor que os reconciliou.

JOÃO GRAVE.



A exposição das alunas da Escola Normal



Aspetos da exposição

A Escola Normal do sexo feminino tem nos ultimos tempos revelado no seu ensino uma feição pratica, muito para louvar. Dão-se sem duvida muitos cuidados ao ensino teorico, mas merecem hoje muito mais os trabalhos praticos que são aqueles de que as alunas teem verdadeiramente de lançar mão na sua vida profissional.

De ano para ano assim o atestam as exposições de desenho, pintura, rendas, bordados, enfim de tudo o que pode constituir a bagagem preparatoria de uma boa dona de casa. A exposição, que se encerrou no ultimo dia do mez passado, foi das mais brilhantes que no genero se teem feito em Lisboa. Com os trabalhos especialmente confeccionados para ella, apresentaram as alunas os que realisaram nas aulas durante o ano como lições, sendo os primeiros quasi todos vendidos e revertendo o produto da sua venda em favor da caixa escolar. Numerosas foram as pessoas que visitaram a exposição, sendo esta tambem honrada com a visita do sr. Presidente da Republica e do sr. dr. Sobral Cid, illustre ministro da instrução publica, tendo havido por essa occasião uma sessão memoravel, em que se trocaram allocuções calorosas cheias de fé pelo futuro da escola em Portugal, entoado as alunas varios canticos, sob a regencia do distinto professor sr. Guilherme Ribeiro.

Tanto os illustres visitantes, como o corpo docente e as alunas, retiraram-se com as melhores impressões de tão encantadora festa.



Os srs. Presidente da Republica e ministro da Instrução com o director da Escola Normal, saindo do edificio.
(«Cliches» BEAUVIS).



LUZIADAS
LVÍS
DE
CAMÕES

CAMÕES NO BRAZIL



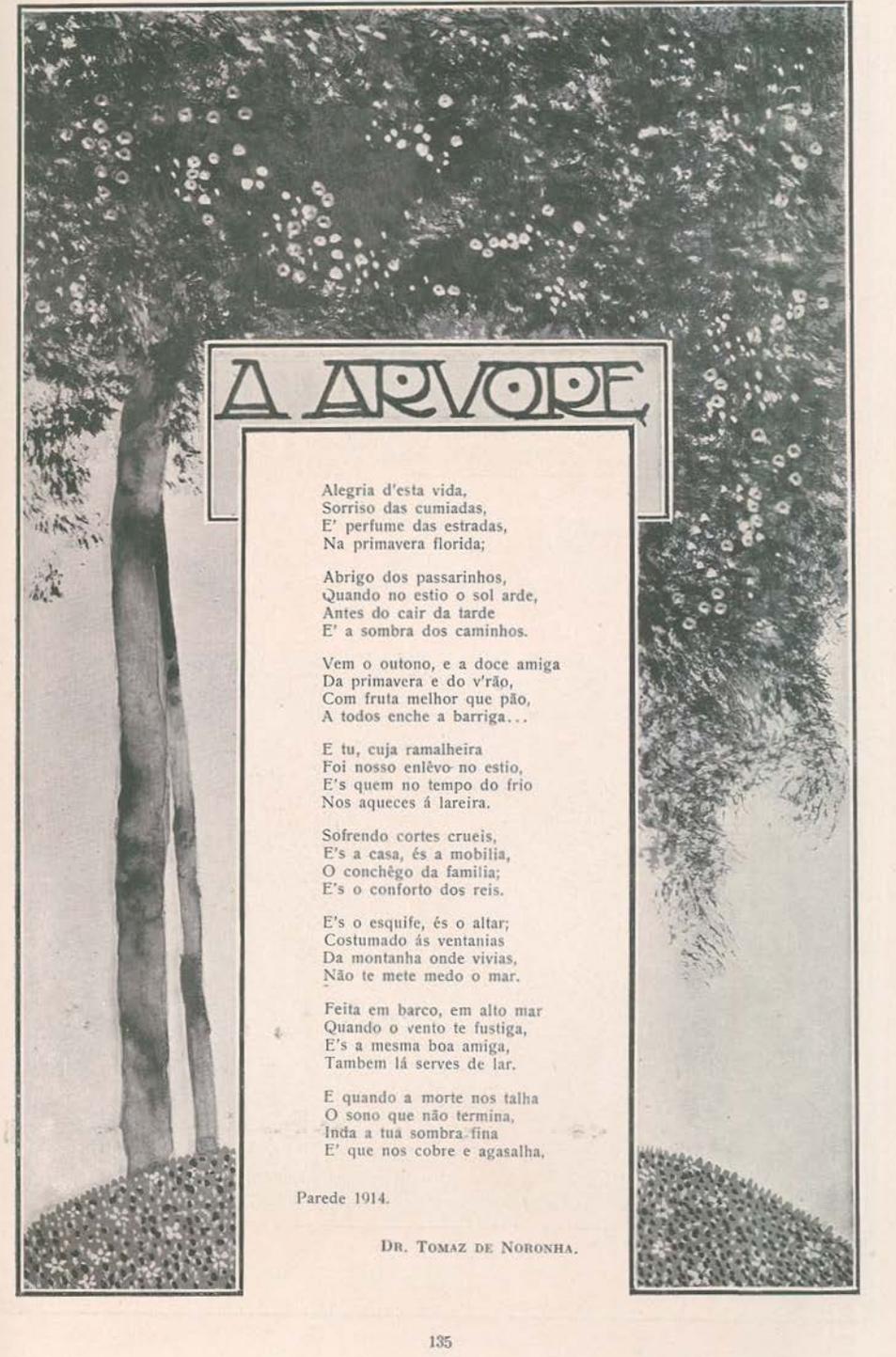
O sr. dr. Ferreira d'Almeida, encarregado de negocios de Portugal no Brazil, presidindo á sessão solene em homenagem a Camões, no Grémio Republicano Portuguez do Rio de Janeiro, onde produziu um patriótico discurso. O professor sr. M. Calvet de Magalhães, lendo a sua brilhante conferencia sobre o epico,

E' bem certo que no exilio, ainda que voluntario, se acendra o amor da patria e o culto pelas suas grandes figuras e tradições. Exemplo bem frisante d'esta asserção é o que se vem passando no Brazil. Para a subscricao destinada á construção do monumento a Camões em Paris, a numerosa e laboriosissima colonia portugueza tem contribuido bizarramente.

A data de 10 de junho, aniversario da morte do poeta, não passou despercebida ali. Entre outras festas de consagração, realisou-se uma sessão solene, que decorreu brillantissimamente, em que tomaram parte vultos de maior destaque na nossa colonia, proferindo-se calorosos discursos em que a Patria e o immortal cantor dos seus grandes homens e feitos foram glorificados.



No Grémio Republicano Portuguez do Rio de Janeiro. A assistencia á sessão comemorativa de Camões.



A ARVORE

Alegria d'esta vida,
Sorriso das cumiadas,
E' perfume das estradas,
Na primavera florida;

Abrigo dos passarinhos,
Quando no estio o sol arde,
Antes do cair da tarde
E' a sombra dos caminhos.

Vem o outono, e a doce amiga
Da primavera e do v'rao,
Com fruta melhor que pão,
A todos enche a barriga...

E tu, cuja ramalheira
Foi nosso enlêvo no estio,
E's quem no tempo do frio
Nos aqueces á lareira.

Sofrendo cortes crueis,
E's a casa, és a mobilia,
O conchêgo da familia;
E's o conforto dos reis.

E's o esquite, és o altar;
Costumado ás ventanias
Da montanha onde vivias,
Não te mete medo o mar.

Feita em barco, em alto mar
Quando o vento te fustiga,
E's a mesma boa amiga,
Tambem lá serves de lar.

E quando a morte nos talha
O sono que não termina,
Índa a tua sombra fina
E' que nos cobre e agasalha,

Paredé 1914.

DR. TOMAZ DE NORONHA.

O julgamento de madame Caillaux

Teve nos tribunaes de Paris o epilogo que geralmente se esperava o emocionante drama passado ha poucos mezes em Paris, tendo por protagonista madame Caillaux, que, obcecada pelo receio de que apparecessem publicadas no «Figaro» umas car-



Madame Caillaux



Mr. Caillaux

tas intimas, trocadas entre ella e seu marido, matou a tiros de revolver o director d'aquelle jornal, mr. Caluette.

A sentença foi absoluta, recebendo os dois esposos vivas felicitações, ja parte das pessoas amigas, que assistian ansiosas á audiência, á mistura com gritos de reprovação.



Um aspeto do tribunal

qual d'elles mais irredutivel. Esperava-se que esse tumultuar rugidor de paixões se transplantasse para o tribunal, e assim aconteceu, sendo as sessões cortadas de vivos incidentes, a que a politica não foi estranha, e dando-se mesmo graves tumultos, dentro e fóra do tribunal, destacando-se todavia a acusada pela sua serenidade d'espírito, compostura insinuantemente nobre sem ser altiva, e por uma eloquencia do coração, de que só as mulheres tem o segredo e que, quando não valha mais do que a de Labori, o grande advogado, é um poderoso



O julgamento de madame Caillaux foi um dos mais sensationaes dos ultimos tempos. Poucos como ele chegaram a apaixonar a opinião em todos os paises, dividindo-a em dois formidaveis campos,



so auxilio para que esta triunfe.



1. O Interrogatorio da ré
2. A chegada do grande advogado Labori ao Palacio da Justiça
(«Clichés» Central Photo).

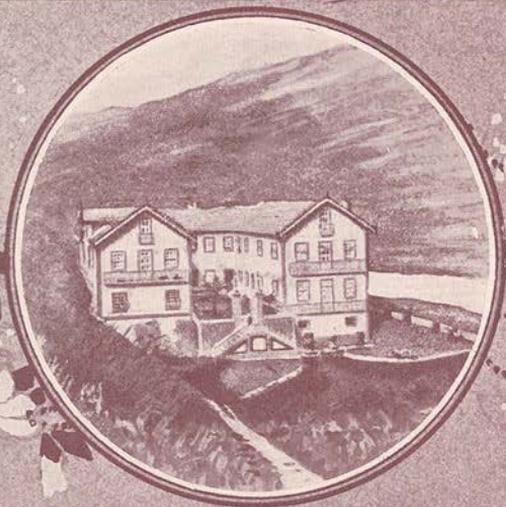
Em fins de Setembro de 1898, no comprimento do caminho de ferro que me conduzia do Porto, entrara, ao quedar-se o comboio no entroncamento da Pampilhosa, um par de estrangeiros, que, como eu, se dirigia

go nome de Claretie. Visto que se trata da mesma pessoa («quanto, alguém dirá n'este momento, ela mudou de outra!»), creio interessar á «Ilustração Portuguesa» o grupo que lhe remeto.

a Lisboa. Novos ainda. Aparências de casados. Ela tipo airoso, fino, branca e loira. Ele, loiro também, se me não engano, olhos claros, aspecto simpático.

Durante bastante tempo, não abrimos conversa. N'um dado momento, porém, ao saber-mos por uma qualquer circunstancia, que todos iam tomar parte no Congresso Internacional das Associações de Imprensa que, a 26

Foi um dos tirados na quinta do Vesuvio, no Alto Douro, a quando da receção brilhante e opulenta com que o milionario Antonio Bernardo Ferreira, da «Casa Ferreirinha» por honrar a «Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto» e em especial o seu bom amigo «Pae Ramos», que ao tempo presidia a esta coletividade, honrou sobremodo, principescamente, a imprensa estrangeira, que do



A quinta do Vesuvio

d'esse mez, se inauguraria na capital, trocámos os nossos cartões e ficámos relacionados.

Os meus companheiros de viagem eram Mr. e Madame Léo Claretie.

Um tanto estreitadas as nossas relações nos dias de convivencia em Lisboa e mais tarde no Porto, onde os congressistas foram em digressão, relembradas ainda durante largo praso pela troca d'alguns cumprimentos e, recordo-me até, pela participação do nascimento d'uma creança em lar que era então de sorrisos — elas foram a pouco e pouco amortecendo, na distancia do espaço e do tempo. A tempestade domestica, posteriormente sobrevinda, passou-me despercebida. O nome de Madame Caillaux, após a tragedia do «Figo» seria para mim o d'uma senhora desconhecida, se não fora a referencia então feita ao anti-

soberbo passeio ao Vesuvio, conserva ainda uma impressão de enthusiasmo. Madame Léo Claretie é a senhora que se destaca ao meio do primeiro plano do grupo, de saia escura, blusa clara, mãos apoiadas á sombrinha. E não deixa também de ser interessante, no mesmo grupo, a figura simpatica do seu tio afim, o velho Claretie da «Comedie Française», sustentando um cacho d'aquelas uvas melhores que o mel, — que o mildio agora queima e que o granizo devasta. Ao reviver, n'estas lembranças, os dias agradaveis da nossa convivencia, d'aqui transmito — como advogado e amigo — á que foi Madame Léo Claretie, o desejo veemente da sua absção.

E a «Maitre Labori» — «bonne chance»!

22 de Julho.

Bernardo Lucas.



Grupo tirado na Quinta do Vesúvio, no Douro, em 1898, por ocasião do Congresso Internacional da Imprensa. No 1.º plano, da esquerda para direita: sr. João de Oliveira Ramos, o falecido «Pae Ramos», do «Primeiro» de Janeiro, Mademoiselle Mendonça e Costa, Uma portuense?, Jules Clarette, Antonio Bernardo Ferreira, Madame Leo Clarette, atualmente Madame Callaux, Madame Wenceslau de Lima, D. Antonia de Lima, atualmente Condessa de Beaumont, Madame Bernardo Lucas, dr. Wenceslau de Lima, com sua filha D. Isabel. Algumas das outras pessoas: sra. dr. Maximiano de Lemos, dr. Bernardo Lucas, João Batista de Lima Junior, Visconde de Vilarinho de S. Romão, Mendonça e Costa e dr. Fiel Viterbo.

Durban

Quanto é vulgar na velha Europa o erroneo preconceito de que só as suas praias, as suas montanhas, as suas «Côtes d'Azur», os seus Alpes, são os

Continente Negro, que foram a sombra e o misterio de que se arrecearam tantissimas gerações, se tem creado, nos nossos dias, tão belos «health re-



1. Um trecho da praia—2. West Street. Uma das ruas mais movimentadas

unicos «health resorts» de todo o mundo, e que só ali o turista, como o esplenético, encontra conforto e recreio.

Pois saibam os srs. europeus que bem longe do velho continente, e n'esse mesmo

sorto» como muitos dos seus similares europeus.

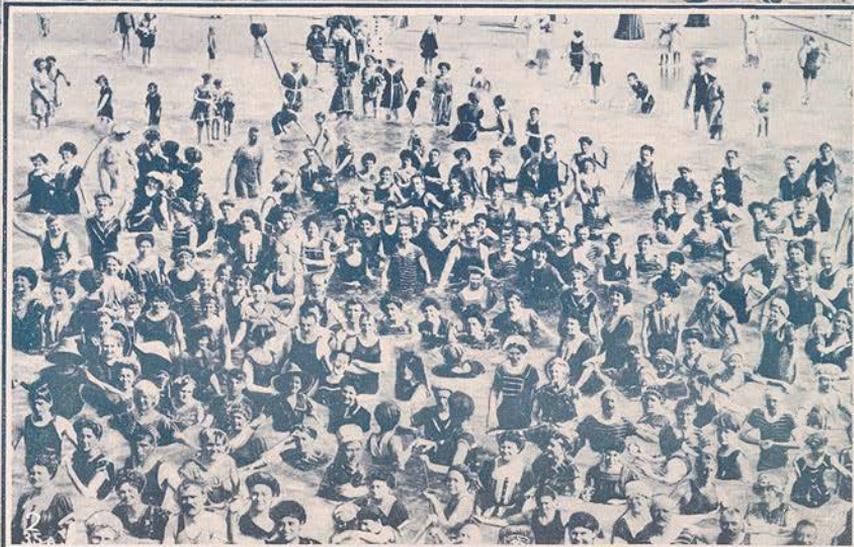
Conta-se entre esses, e em logar primacial, a formosa Durban, a Ostende do Sul d'Africa. Está n'este momento em plena eferves-

cencia. Nada menos de 80.000 forasteiros pejam, durante 3 ou 4 mezes,



os seus hotéis e as suas «pensions», e inundam, de dia e de noite, todos os locais de recreio, desertando das cidades, vilas e «farms» do Transvaal, de Orange e d'outras províncias do interior.

Ao contrario do que succede no hemisferio norte, é a estação



1. O mais belo batido de Durban. Catedral catolica
2. Concorrencia de banhistas na «enclosure»



Palácio da Municipalidade

fria (mezes de verão da Europa) a época preferida para os banhos de mar. Não são os calores, mas o frio, que chega a cobrir de neve as cumieiras do Rand e do Draken, mas que não vence, na costa, as tepidas brisas do Indico, quem os convida a um retempero de forças no clima ameno das praias.

As transformações operadas n'esta ultima década, na mais formosa das cidades da Africa do Sul, são simplesmente admiráveis. A municipalidade, que se gaba de ser a mais rica do mundo, tendo atualmente por «Mayor» o sr. Hollander e por principaes «cooperadores» o sr. Cooley, «town clerk», e o sr. Fletcher, Borough Engineer, principiou por transformar por completo a praia, outr'ora deserta e destituida do menor atrativo. Construiu um recinto para banhos no proprio mar, ao abrigo do tubarão, uma piscina monumental de natação, um parque extensissimo envolvendo um e outra, onde, espalhados por todos os lados, se veem pequenas cabanas, «chalets», «tea-rooms», etc. Tanto a «enclosure» (recinto de banhos) como a piscina estão abertas ao publico das 6 ás 22 horas. Entre essas horas ha sempre banhistas em qualquer das duas. Ali se juntam todas as classes, todas as idades, n'uma profusão curiosissima, n'uma alegria doida. Entre os trajos de banho apparece frequentemente o «maillot» que o visitante não «up-to-date» estranha, mas admira... Faz-se uma pequena idéa do movimento da piscina e da «enclosure», citando o seu rendimento que é, em média, de 800 libras mensaes, a «pence» por banho. Logo que cessa a luz do dia, acendem-se os enormes focos de luz electrica á roda da piscina e da «enclosure», e os banhos continuam, sobretudo nas noites cálidas, como se fosse dia.

Nos ultimos cinco anos construiu a municipalidade canalisações para abastecimen-

to d'agua á cidade n'uma extensão de 60 kilometros; ruas novas, asfaltadas, 30 quilometros; reconstruido o asfalto em ruas antigas, 55 quilometros; passeios, betonilha de cimento e brita, 63 quilometros, etc., etc.

O seu novo edificio custou meio milhão esterlino, ou sejam, ao cambio atual, 2.500 contos. N'ele funcionam todas as repartições da municipalidade, bem como a Biblioteca Publica e o Museu. Faz parte d'este uma «Art Gallery», muito digna da atenção do visitante. O «hall», vasto salão que occupa o centro do edificio, tendo, a um dos topos, um órgão monumental, é o lugar escolhido para as audições musicaes celebres, e para os grandes bailes e «cindarellas».

Entre as outras obras da municipalidade, citarei ainda o Jardim Botânico, o Jardim Zoologico, o campo dos Sports, o Mercado, a Casa dos Banhos, etc, obras, na sua maioria, realizadas nos ultimos cinco anos. O interior da colonia oferece pontos de vista admiráveis; citarei os Campos de Batalha, o Giant Castle, o Mont-aux-Sources, as quedas d'agua em Howick e outras. Devido aos esforços de um dos mais antigos colonos do Natal, sr. J. C. Parker, de Tetworth, que durante muitos anos se dedicou pessoalmente ao assunto, acha-se hoje perfeitamente aclimatada, e abunda em quasi todos os rios do Natal, a truta europeia. O exemplo do sr. Parker foi depois seguido por outros colonos, e, nos ultimos dez anos patrocinado pelo governo da colonia. Este, exprimindo o seu agradecimento ao esforço e benemerito colono, ofereceu-lhe presentes valiosos. A pesca da truta em muitos pontos do interior do Natal constitue hoje um dos desportos mais apreciados.

Durban, maio 1914. OLIVEIRA DA SILVA,

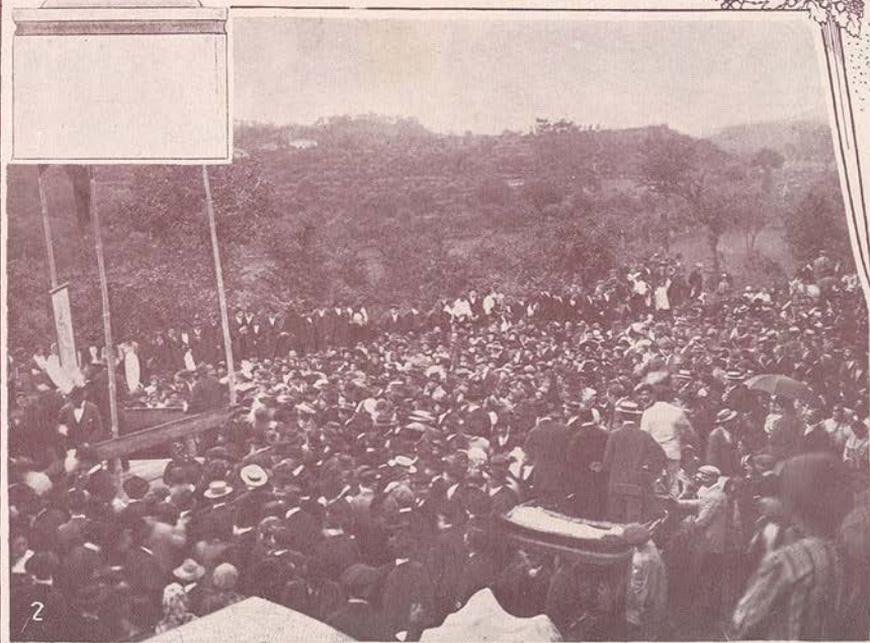
BATALHA DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

A sua comemoração histórica

No dia 25 de junho proximo passado comemorou-se n'esta vila a tradicional batalha dos Arcos de Valdevez que as lendas exageraram na sua secular versão oral e que os modernos processos de investigação histórica reduziram ás proporções d'um simples recontro, d'um lance de armas de mera exhibição, ou d'um torneio cavalheiresco da idade media, em que os soldados de Afonso Henriques alcançaram muitas vantagens sobre os soldados menos dextros e aguerridos do orgulhoso rei de Leão.

Não tratamos agora da proeza belica, á qual a crença popular, na sua eterna propensão para todas as exagerações fantasiosas, deu, através da longa jornada dos seculos, todo o relevo d'uma carnificaria sem nome, fazendo com que o modesto Vez, á semelhança do que contam do rio «Amyon-lays», depois da batalha de Bosworth, levasse ao Lima, durante horas, verdadeiros caudales de sangue! Tratá-mos, sim, do facto heroico, produto da energia lusitana, e vemos n'ele, debaixo do ponto de vista doutrinário, uma lição de patriotismo que os nossos maiores nos deram para indefinidamente amarmos a patria e a independencia. E por isso, embora aqueles que depuram e filtram as investigações históricas no seu cadinho de espiritos meticulosos, quasi que anulem a importancia marcial d'esta batalha, os partidarios da tradição, todavia, enlevados e absorvidos na poesia epica do passado, vêem n'ela a primeira pedra lançada para a constituição definitiva d'uma nacionalidade.

A rigidez científica de Herculano contrapõe-se o amor regio-



1. Reconstituição da cruz manuelina, colocada no lugar do Ataride da Veiga da Matança, quando D. Manuel I visitou o suposto teatro da luta, junto ao rio Vez.—2. Chegada do laponente cortejo ás Velgas da Matança, onde sobre um estrado em que se destaca o grande busto de Afonso Henriques discursaram os srs. drs. Luiz Neto Ferreira delegado da comarca e Germano Amorim, advogado, e o reverendo Cunha Brito.

nalista do insigne poeta vianense que se chamou Antonio Pereira da Cunha e cuja delicada organização artística acordava, solícita, ás evocações que os históricos recantos do predileto Minho lhe sugeriam no segredo arqui-secular do seu misterioso silêncio.

Exauriu-se do oprobrio a extrema gôta
Surge! Vence! Que mais te foi mister
Que o braço em Val-de-Vez e Aljubarrota?
E' livre um povo, se ser livre quer.

E assim, aquele poeta ilustre, pondo em paralelo as duas batalhas, no seu significado historico, diz que tanto uma como outra influíram de modo mais decisivo sobre a independência nacional; a primeira para a constituir, a segunda para a consolidar.

A batalha dos Arcos de Val-de-Vez não é, pois, um mito que os nebulosos tempos afonsinos nos le-

na, é como que um livro coevo a testemunhar eloquentemente o feito heroico. São também significativas as concessões immediatas, inclusivé a do senhorio de Astorga, feitas por Afonso VII, que se pavoneava com o titulo de imperador, a Afonso Henriques, e mais tarde solemnemente ratificadas na celebre conferencia de Zamora. A mediação do arcebispo de Braga, a pedido do rei de Leão, para que a paz se ajustasse sem delongas, presuppõe o golpe belico que o fundador de Portugal lograra infligir ao contendor, seu primo; e o chamado logar dos «altares», onde é fama que ouviram missa os portuguezes, antes de entrarem em combate, bem como o logar dos «ladairos», no qual, após o feito, se fizeram preces pelos que lá morreram, são outros tantos vesti-



1. Arcos: Um trecho da freguesia do Salvador.—2. Um trecho da villa dos Arcos.

garam, envolvido na espessa teia das suas maravilhosas lendas. A situação topografica d'este concelho que o confina com a Galiza e a ininterrupta tradição oral levam-nos a crêr que a batalha dos Arcos de Valdevez representa o conjunto de todos os lances guerreiros, singulares ou coletivos, feridos entre os cavaleiros de Afonso Henriques e Afonso VII de Leão e Castela.

Dizem as cronicas que mal o conde Radimiro, que capitaneava a dianteira do exercito leonez, começara a descer as alturas penhascosas de Suajo, em direção ao vale, logo o joven Afonso Henriques lhe saíra ao encontro e o destroçara por completo. Acudiu, pressuroso, o rei de Leão com o grosso



3. Outro trecho da villa.

das suas legiões e, segundo se conjectura, feriu-se então uma batalha sangrentana margem esquerda do Vez. O povo ainda hoje chama «Veiga da Matança» ao extenso local da pugna que, na frase conceituosa de Pereira da Cu-

gias da batalha que a tradição vinculou a estes historicos recantos, fazendo os povos circumvizinhos depositarios d'aquilo que está omissio nas velhas cronicas.

Diz ainda a tradição que na passagem de D. Manuel II pelas terras de Valdevez, em direção a S. Tiago de Compostela, este monarca mandára erigir uma cruz no logar do «Ataude» e ai orara pelos portuguezes sepultados n'aquelle sitio. A tal facto se refere o autor d'estas linhas no final da sua «Canção d'um Antiquario», ainda inédita, quando diz:

Deixo-te, ó claro Lima, e sigo para
Terras de Valdevez
Onde o filho de Henrique derrotará
O primo leonez.

Aqui o braço lusitano ergueu
A lusitana lança
E o sangue irmão aos borbotões correu
Na Veiga da Matança.

A fim de vêr a historica explanada
D'esse lance guerreiro
Aqui parou a régia cavalgada
De Manuel primeiro.

E a assí-nalar o feito glorioso
Da epoca afonsina
Lá ficou do monarca venturoso
A cruz manuelina.

Ah! memorando os esplendor's de então
 Meus passos se sustêm;
 Eu me ajoelho em frente do padrão
 Não sigo mais além.

Ah! quero junto á cruz adormecer
 Para que em sonhos veja
 O sol da gloria, o sol intenso a arder
 Que junto a si flameja

E a tradição das eras imortaes
 Ornando lado a lado;
 Com panos de ouro e seda as cadeiras
 Augustas do Passado;

Porque a sonhar, com traços bem sentidos
 Qual novo ceramista
 Modela o mausoleu dos tempos idos
 Meu coração de artista.

ANTONIO FERREIRA.

As festas foram verdadeiramente encantadoras. Devem-se elas á iniciativa do sr. Manuel Pereira Rodrigues, proprietario d'esta vila, immediatamente secundado nos seus esforços por uma comissão de que fizeram parte, alem d'aquelle cidadão, os srs. dr. Germano Amorim, advogado, tenente Augusto Salgado, ex-administrador d'este concelho, e Acindino Borges Pacheco, comerciante.

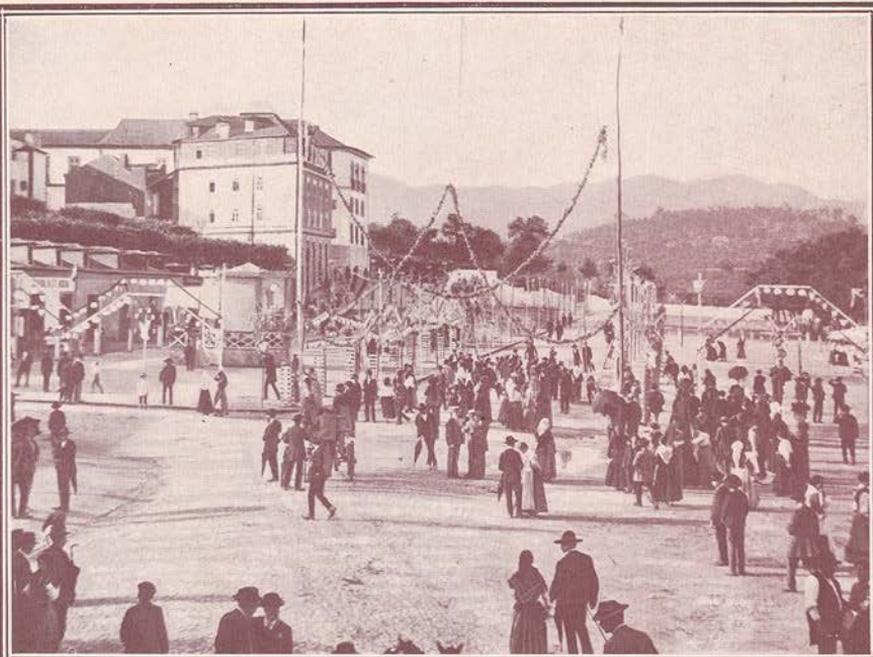


D. Afonso Henriques

Na sessão solene, realisada no teatro Teixeira Coelho, sob a presidencia do sr. dr. Antonio Ferreira, presidente da Camara Municipal, compareceram as familias mais distintas da vila e concelho, estando tambem largamente representadas todas as classes sociaes, corporações, associações e autoridades publicas, e discursando perante a numerosa assistência o presidente da sessão e sr. dr. Herculano da Rocha Gomes. A seguir foi organizado um imponente cortejo que se dirigiu á «Veiga da Matança», com cerca de 4000 pessoas, e aí usaram da palavra o sr. dr. Luiz Neto Ferreira, delegado do procurador da Republica, sr. dr. Germano Amorim e Padre Cunha Brito. A



Grupo das comissões dos festejos: Da esquerda para a direita, sentados, a comissão promotora: srs. Manuel Pereira Rodrigues, tenente Augusto Salgado, dr. Germano Amorim (tambem um dos oradores que discursou nas Velgas da Matança), Acindino Borges Pacheco. De pé no 2.º plano: srs. dr. Herculano Rocha Gomes (dirigente dos trabalhos de ornamentação do Campo Almirante Reis e um dos oradores na sessão solene), Estevão Correia (dirigente dos trabalhos de ornamentação), Gaspar Rodrigues, Armindo Fernandes, José da Cunha Lima, (todos tres da comissão do commercio). Alberto Rodrigues, (autor do busto de Afonso Henriques). 3.º plano: Comissão da ornamentação do Teatro Teixeira Coelho onde se realisou a sessão solene: srs. José Barreiros, Candido Cardoso, João Correla e Abel Nunes d'Azevedo.



Aspêto do Campo Almirante Reis artisticamente ornamentado para o brilhante festival que teve lugar na noite de 25.

esplendida banda de infantaria 3, de Viana do Castelo, com que o quartel general, n'um louvavel impulso de patriotismo, fez abrilhantar as festas comemorativas, contribuiu sobremaneira para o seu estranho lusiamento.

O arraial, á noite, foi deveras surpreendente, notando-se o vasto e espaçoso campo Almirante Reis repleto de pessoas de todas as categorias sociaes. As iluminações, d'um efeito singularmente feerico, e os fogos, deslumbrantes e atraentes, habilmente confeccionados pelos distintos pirotecnicos Castro, de Via-



Primeiro plano sentados, Srs. Narciso de Faria Lima, dr. Germano Amorim e Manuel Pereira Rodrigues, membros da comissão municipal politica do partido republicano nos Arcos de Valdevez, segundo plano de pé, srs. dr. Antonio Ferreira, presidente da Camara Municipal, e Henrique de Pina Manique, administrador do concelho.

na, e Alberto, de Oleiros, proporcionaram á assistencia uma noite cheia de diversões e encantos. Estas comemorações historicas são sempre patrioticas e oportunas.

Ensinam o povo a tomar como lição e exemplo as paginas mais brilhantes da nossa historia e retemperam a alma nacional para que esta patria, grande outrora pelos seus heroísmos, se engrandeça de novo pelo trabalho e pela ordem.

H. G.



BOMBEIROS DE LOURENÇO

MARQUES



Sr. Alvaro Pires, o comandante dos bombeiros.



Um exercicio de bombeiros em Lourenço Marques

seu comandante, Sr. Alvaro Pires, que durante muitos anos exerceu o cargo de 2.º comandante do Corpo de Bombeiros Voluntarios das Caldas da Rainha.

Organização e disciplina completa, pode afoi-

tamente dizer-se que em toda a Africa Oriental não ha melhor. O que os nossos visinhos poderão ter melhor é o material, mas pouco a pouco a Camara Municipal de Lourenço Marques vae adquirindo-o tambem.

A primeira vereação eleita, apoz a proclamação da Republica, bastante contribuiu para o melhorar comprando uma excelente bomba-automovel da casa Werrimether, 6 carrinhos para mangueiras, petrechos e ferramentas, etc. Era então vereador do pelouro de incendios o sr. H. Beltrão, trabalhador incansavel e protetor desvelado do Corpo de salvación publica.

A atual camara, presidida pelo sr. dr. Temudo, tendo como vereador do pelouro de incendios o sr. F. X. Silva, empenha-se em comprar material de reconhecida necessidade, sendo digna dos maiores encomios, pois o dotar a corporação com os maquinismos de que carece é beneficiar os municipes em geral que tantas simpatias teem pelos bombeiros.

Essa simpatia é natural, pois o papel que os bombeiros por vezes desempenham arriscando a vida para salvar vidas e haveres, é de tal fórma honroso e humanitario que seria uma injusta crueldade não os apoiar e ajudar.

Lourenço Marques, 11 de maio de 1914.



Os bombeiros de Lourenço Marques

(«Clichés» A. Abrunhosz).

Caça

O dia 15 do corrente trouxe aos amadores da cinegética a liberdade de caçarem codornizes, ao sul da linha ferrea, na região do Ribatejo. Foi uma alegria enorme nas hostes de Santo Humberto e, na



Trofeus

justificada anciedade de fazerem os primeiros tiros, depois de alguns mezes de folga imposta pelos rigores da lei, muitas dezenas de caçadores atravessaram o Tejo para percorrerem as Lezírias de extremo a extremo em busca do almejado galinaceo cuja perseguição vem continuando com mais ou menos entusiasmo. Já na vespera haviam desembarcado, nas estações de Lisboa e Azambuja, bastantes caçadores de Lisboa e arredores, com os seus petrechos de caça e respectivos cães, no proposito de se fazerem conduzir á outra margem do Tejo para iniciarem a sua faina aos primeiros clarões do dia tão ancientemente esperado.

Observei-os depois, pisando afadigados o restolho dos trigaes e olhando com afínco o per-



No campo esperando a caça.



de exito o primeiro dia de caça para os amadores de tão apreciado sport. Retiraram muitos d'elles tendo visto raras codornizes, por haver poucas

digueiros, seguindo-lhes os menores movimentos, á espera de que eles «se parassem», como que fascinados, ante a desejada presa prestes a levantar o vôo que quasi sempre lhe traz a morte, varado o corpo pelo chumbo dos cartuchos. E o sol caía por sobre os campos n'uma pujança de luz estonteante, fazendo-nos apeteecer a sombra dos palheiros erguidos aqui e além na extensa planície das Lezirias.

Em homenagem á verdade deve dizer-se que não foi de gran-



1. Na travessia para a caçada. 2. No rastro da caça. 3. No atalho em busca da caça.



no presente ano e porque os lavradores se opuseram terminantemente a que se caçasse «na paveia», isto é: nas terras onde o trigo ainda se encontra em mólhos pelo chão.

Para obstar ás invasões do costume, pelos prejuizos que sempre causam, requisitou o administrador do concelho de Vila Franca, sr. dr. Pedro Ferrão; uma força da Guarda Republicana cujas praças percorreram valados e carris

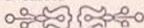
A caça oculta-se no matagal

alguma mais desventurada ou menos... perspicaz...

Julho de 1914.

Faustino dos Reis Souza.

sem que se dêsse qualquer nota desagradavel por todos acatarem, de boa mente, as determinações da autoridade. Foi o que valeu ás pobres codornizes que, a salvo do «arcabuz fatal e horrendo» lá seguiam, de paveia em paveia, no seu viver feliz, perturbado apenas pelo ruido da fuzilaria, vitimando, ao longe,



A travessia para a lezíria.

FIGURAS E FACTOS

MONUMENTO A CAMÕES EM PARIS

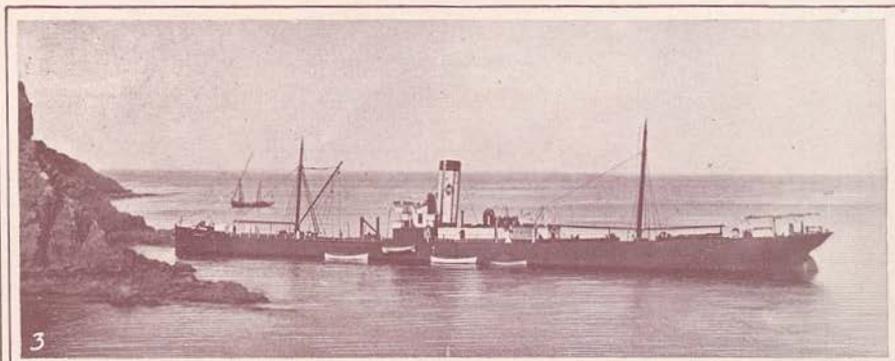
O monumento a Camões que se vae erigir em Paris, reservando Lisboa uma das suas mais belas praças para o de Vitor Hugo, será, na capital da França a afirmação de quanto entre si se ligam os dois povos entre os quaes em toda a Europa existe maior afinidade.

A subscricao promovida para este fim teve um grande exito, sobretudo no Brazil, estando entregue a uma comissão que apreciará os projetos que lhe forem apresentados. Já em tempos o falecido rei D. Carlos e sua esposa se tinham interessado imenso pelo bom resultado d'essa iniciativa, chegando mesmo o illustre escul-



1. O illustre escultor Teixeira Lopes. 2. Projeto do monumento a Camões, em Paris quando da primeira tentativa para realizar essa obra. (Trabalho de Teixeira Lopes).

tor Teixeira Lopes a fazer um projeto da «maquette» que devia apresentar-se em Paris.



Vapor inglez «Camrose» naufragado nas Berlengas. («Clilhê» do distinto fotografo amator sr. J. Marques Verissimo).



4. Mademoiselle Etelvina Emerich e Agular, distinta pianista fluminense, filha do sr. dr. Alfredo H. d'Aguilár. 5. Sr. dr. Rafael Calzada, autor do livro «Nuestros Hombres de la Argentina». 6. Juan Belmonte, o espada que a empresa Lopes & Segurado quiz contratar para tourear no Campo Pequeno em 6 de agosto, e que só pôde vir em 16 de setembro por já estar contratado para as seguintes corridas: no mez d'agosto, a 2 em S. Sebastian; 3 e 4 em Vitoria; 7 em Manzanares; 9 em Santander; 11 em Huerca; 15 em S. Sebastian; 16, 18 e 19 em Bilbao; 23 em S. Sebastian; 26 e 27 em Almeria; 30 em S. Sebastian.



1. Sr. João Rico, autor do livro de versos «Lembranças e dôres».—2. Sr. Julio Cesar Ferreira, falecido recentemente.—3. Sr. José Marins Antunes, falecido recentemente.—4. Sr. J. D. Adelfina Miranda, falecido em Leiria.—5. Sr. dr. Miguel Horta e Costa, juiz recentemente promovido para a Relação.



O concurso de cartazes das Aguas das Lombadas no Salão da «Ilustração Portuguesa». Os tres primeiros premios. 6. 1.º Premio, trabalho do sr. Fernando de Souza.—7. 2.º Premio, trabalho do sr. José Nolasco.—8. 3.º Premio, trabalho do sr. Hernani.—(«Clichés Benolle»).



Uma festa na Penha, em Guimarães. Em 12 do corrente, realisou-se em Guimarães uma encantadora festa, promovida pe o Club dos Caçadores e Aliradores Civis, d'aquella linda cidade, que decorreu animadissima e muito distinta. Na Penha, a formosa montanha que tantos encantos encerra, reuniram-se, alem de muitas senhoras, das mais distintas d'aquella cidade, a maioria dos socios do Club, que em alegre confraternisação all Jantaram ao ar livre, tendo-se antes organizado uma «poule» em que houve empaes renhiddissimos, tendo-a por final ganho o oximlo e já ha muito consagrado «sportman» e illustre presidente da C. V. C. sr. Joaquim Ribeiro da Silva, que vae indicado por uma cruz no grupo que publicamos, a exemplo do que fizemos nos anos anteriores.



1. O sr. J. Carlos da Silva, proprietário e director da elegante fotografia «Brazil»

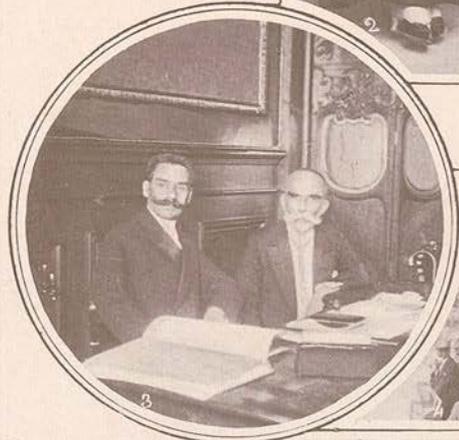
É um dos mais distintos colaboradores da «Ilustração Portuguesa». Pertence-lhe o belo «liché» da sr.^a D. Alcídia Machado, que veio na capa do numero anterior.

O novo ministro da justiça é o sr. dr. Eduardo de Sousa Monteiro, juiz da Relação de



O sr. Jorge Santos, distinto escritor e funcionario consular, foi ultimamente transferido de Tokio e Yokama, onde exerceu com muito brilho as suas funções, para Madrid. Os jornaes das duas grandes cidades japonezas referem-se com o devido elogio á ação do ilustre funcionario portuguez e relatam a brilhantissima despedida que ele e sua gentilissima esposa, sr.^a D. Maria do Carmo Bahia Santos, tiveram.

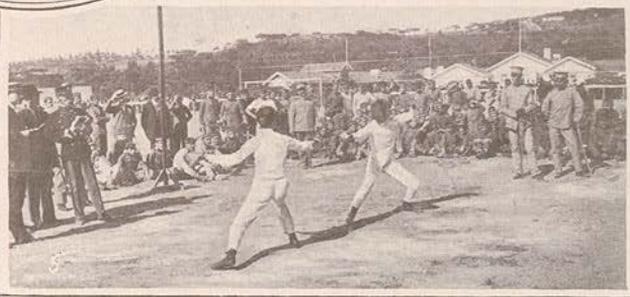
A Sociedade de Instrução Militar Preparatoria n.^o 1 realizou em 23, com um grandioso festejo, no campo do Sporting Club Portugal, ao Lumiar, a prova final do 2.^o periodo annual de instrução. A festa revestiu grande brilho, assistindo o ministro da guerra e o commandante da divisão.



Lisboa e um dos nossos magistrados de maior independencia moral.

Sob o ponto de vista politico não pôde ser accusado de se inclinar para qualquer dos partidos militantes.

Ha muito a esperar do seu superior criterio e competencia comprovada n'uma tão longa quanto brilhante carreira.



A guerra austro-servia



Os fortes de Goulonbate, na fronteira servia, um dos pontos mais expostos ao ataque do inimigo — («Cliché» des Archives du Miroir)



Infantaria servia— («Cliché» Chusseau Flaviens).

A guerra entre a Austria e a Servia é um facto. Velhos odios de raça e a insofrida ambição austriaca encontraram pretexto no assassinio do arquiduque



Uma bateria d'artilharia austriaca—(«Cliché» Dellus)

Francisco Fernando para a sua explosão.

Dada a provavel intervenção da Rússia para a defeza dos seus irmãos slavos, é iminente uma conflagração europea, cujas consequencias ninguem póde

prever. Evitar-se-ha tal horror? A diplomacia, intervindo, conciliadora, poderá conter o impeto da velha Europa que á pressa se apresta para o colossal duelo?



Recrutas servios esperando na gare de Belgrado o comboio que os deve conduzir á fronteira—(«Cliché» Central Photo)

Contra o imposto de farolagem

Está novamente em foco a nossa formosa e rica ilha da Madeira, e ainda d'esta vez é uma questão de ordem económica que chama sobre ela a atenção do governo e de todos quantos se interessam pelas suas prosperidades materiais.

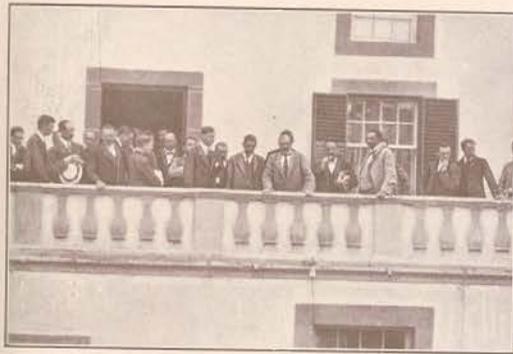
A Madeira que é, sem dúvida, o mais importante emporio do commercio insulano, mercê dos seus afamadíssimos vinhos e das suas industrias florescentes, como a dos laticínios, rendas, vime em obra, etc., é ainda, infelizmente, pouco conhecida dos continentes, e muitos dos quaes fazem vaga ideia das inúmeras belezas naturais e da riqueza da bem denominada «perla do oceano». O estrangeiro - amante de viagens conhece-a, aprecia-a e d'ela fala com entusiasmo. D'aí a constante peregrinação cosmopolita para a formosa ilha em cujas ruas se tem por vezes a impressão de estar no coração da Europa, n'uma grande capital, tantos são os idiomas fala-



O sr. visconde da Ribeira Brava falando ao povo

dos pelos mais diferentes tipos. Ultimamente tem-se agitado no Funchal uma questão que ainda não teve solução por parte do governo central. Trata-se do imposto de farolagem, recentemente decre-

de farolagem



No Palácio de S. Lourenço, o sr. Luiz Fialho d'Alvelos, presidente da Associação Commercial, orando.

A respectiva associação comercial pede a suspensão imediata do imposto atendendo ás condições especiaes em que a ilha se encontra, pois está em concorrência com as Canarias, onde os portos são livres.

Recentemente realiso-se um comicio de protesto contra o imposto de farolagem, que foi extraordinariamente concorrido por todas as classes sociaes

Atendendo á reclamação dos madeirenses, o illustre deputado pelo circulo, sr. dr. Carlos Olavo, vae apresentar um projeto de lei excluindo o Funchal do imposto de farolagem, sendo de prevêr que seja atendi- lo.

Bem merece a formosa ilha toda a proteção do poder cen-

trado, que em geral a população e em especial o commercio madeirense não veem com bons olhos, attribuindo-lhe gravissimos prejuizos para o commercio e economia da ilha.

tral. A Madeira é uma terra de tradições e de importancia commercial, que tem resolvido as suas crises, por vezes agudas, com os seus proprios recursos, sem importunar demasiadamente a metropole.



Aspêto geral



do comicio

Diplomatas estrangeiros no Brazil

1. Secretarios das Missões Estrangeiras no Rio de Janeiro, reunidos em banquete de despedida ao seu colega do Mexico, que casou e partiu com licença, passando ha pouco por Lisboa. No 1.º plano: sr. Gayan, 1.º secretario da Argentina; sr. Castañeda, 1.º secretario do Mexico (o noivo); sr. Mariño Herrera, Encarregado de Negocios de Colombia; sr. dr. Ferreira d'Almeida, Encarregado de Negocios de Portugal—2.º plano: srs. Ruiz, Wright e Chiroches.— 2.º plano: srs. Pondal, Vieira, Agacio e Garifa, secretarios da Argentina, Uruguay, Chile e Cuba.



2 — A chegada do sr. dr. Alberto d'Oliveira, novo Consul Geral de Portugal, ao Rio de Janeiro, com sua esposa, vendo-



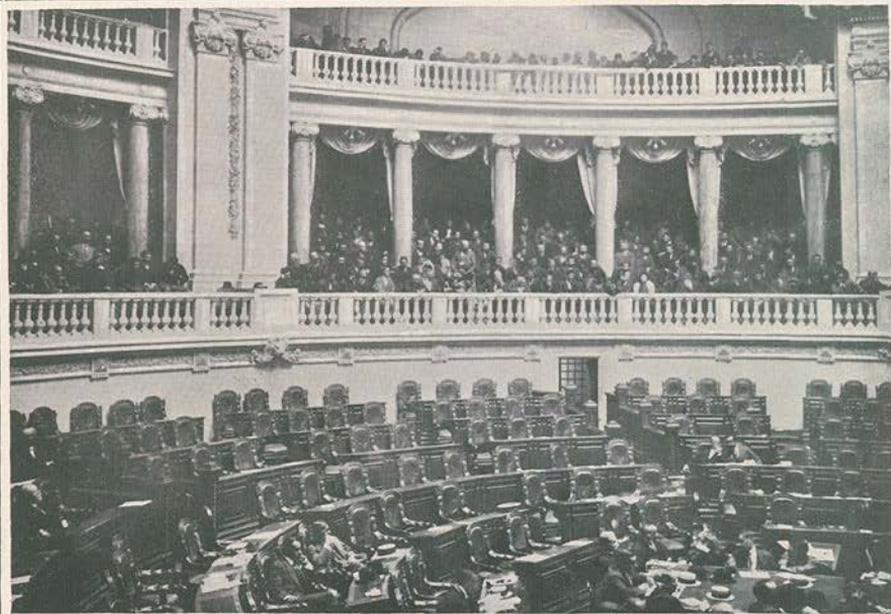
se no caes o sr. dr. Ferreira d'Almeida, Encarregado de Negocios de Portugal, o pessoal do Consulado e Agencia Financal, o presidente do Gremio Republicano Portuguez e representantes da Camara de Comercio, Club Ginasico, Centro Bernardino Machado e outras agremiações lustranas.

A convocação extraordinária das camaras



O sr. dr. Brito Camacho saindo do parlamento com os seus correligionarios

A convocação das camaras para discutirem e aprovarem a lei pela qual se deviam fazer as proximas eleições, veio acentuar ainda mais a dissensão entre os partidos, não tendo comparecido o evolucionista e abandonando depois as bancadas o unionista, por não haver sido aprovado um requerimento do seu chefe sobre a votação de um parecer da comissão de infrações. As eleições serão pois feitas, pela lei elaborada antes da cisão dos partidos, conforme a declaração do governo.



Aspetto da camara dos deputados, depois da saída dos unionistas e não tendo comparecido os evolucionistas

(«Glicês» de Benoît)

TEATROS

A SEREIA, no Coliseu dos Recreios:



O ator cómico Moncayo

O que esse cenográfico, esplendido Imperio nos tem dado em obras de teatro — desde Sardou, até á engent-osa opereta, com musica de Leo Fall, cuja «première» o Coliseu viu ha meia duzia de noites! Poucas epocas, decerto, a historia regista tão emotiva, triumphal e pitorescamente teatraes, como essa em

que a epopeia napoleonica atravessa o mundo, com a sua cõrte de principes «parvenus», de galões doirados e de perdularjos amorosos.

«A Sereia», é uma intriga galante d'esse esplendor imperial, dada com leveza, com galanteria e com um interessante sentimento de cõr. O cõrte d'esses tres atos, se não é impecavel, é gentil e agradavel — e tanto mais agiadavel quanto nos proporciona o enesejo de vêr, com a sua graça saltitante d'avesita, esse azougue que sorrí e canta e se chama Steffi Czillag. Essa raparigueta, em cujas veias giram, confundidos, sangue hungaro e sangue italiano, veiu dar ao teatro portuguez não uma lição d'arte (não tem nada de excepcionaes os seus recursos d'artista), mas uma lição admiravel d'alegria. A alegria é, efetivamente, o seu grande recurso, o seu grande temperamento d'atriz — o seu triunfo. O a'or portuguez é, em regra, triste: diverte, por vezes, mas raramente, divertindo os outros, dá a impressõ de que se diverte. Essa Steffi Czillag veiu mostrar-nos até que ponto a mocidade, n'uma atriz, é, não só um encanto fisico, mas tambem um predicado, moral — e, a mim veiu mais uma vez fazer-me sentir quanto nós estamos realmente necessitados d'um teatro verdadeiramente alegre. E nem sempre o teatro que nos faz rir é o teatro alegre — como nem sempre são alegres as pessoas de espirito. Tantas pessoas e tantas coisas nos fazem rir — com tristeza! Esta Steffi Czillag, que nem sequer é



A tiple Inez Garcia

bonita, faz-nos rir — com alegria.

A ZARZUELA, no Teatro Politeama:

E' um espetaculo curioso observar em Portugal e sobretudo em Lisboa, o publico que assiste a um espetaculo de zarzuela. E' um publico que não se limita a vêr e ouvir — saboreia e quasi representa tambem. O «Terrible Perez» ou «Gatita Blanca» desenrolam-se, simultaneamente, no palco — e as caras dos nossos vizinhos dos «fauteuils». Sempre que a tiple sapateia e canta, os olhos do meu colega da esquerda dançam e assobiam. E o meu camarada da direita, sempre que o sangue andaluz baila e trina em cena, respira e grita «olé» por todos os inflamados póros. Ha sujeitos circumpsetos que têm, em torno de nós, apoplexias luxuriosas de mocidade. As calvas reluzem — os bigodes batem castanhols e o compasso das «malagueñas» e até, a certa distancia, certos estimaveis oculos pretos se põem cõr de rosa e cõr de fogo.

A zarzueloterápia! Ainda havemos de a vêr clinicamente estabelecida em Lisboa — para curar essa especie de bisonhice, que é a mais enfadonha e carrancuda fórma da neurastenia lisboeta.

A. de C.



Uma cena do 2.º ato da peça «Amor de Zingaro»

Desenvolvaei e fortalecei o vosso peito

com o meu método simples EXCLUSIVAMENTE externo, empregado com muito êxito por milhares de senhoras do mundo inteiro

DOUTORES EM MEDICINA muito conhecidos reconhecem os maravilhosos efeitos e recomendam aos seus clientes

A doença, o cansaço, bem como as consequências da maternidade foram a causa da debilidade do meu peito, dos meus hombros ossos e do: uol: uo profundo a que faziam o meu desespero. Estas desgraças físicas não foram somente o meu orgulho de mulher, mas estritamente a minha me arrebatavam todos os prazeres da vida. Estava privada dos olhares de admiração, das luanes todas as mulheres são sempre tão sensíveis, mas o peor era que até a minha situação social e a presença de uma maneira desagradavel: As mais elegantes toilette: trazidas por mim, perdiam o seu valor. Experimentava uma

Desde que foi descoberto o meu método tem dado a milhares de senhoras resultados notaveis em um prazo de 2 a 3 semanas. Tenho provas escritas do que digo, mas falta-me o espaço para os reproduzir todas. Muitos doutores, entre os quaes poderia citar os d:rs. CECALDI, DUCHE e TRIFONOFF, recomendam e preservem o meu método aos seus clientes reconhecendo os bons efeitos.

Toria muito gosto em dar conselhos gratis e discretos a toda a ma-



Um peito inanimado antes do tratamento

Um peito desenvolvido depois do emprego do meu método

grande pena e uma injexia secreta quando via na rua, no teatro, nos salões, muitas mulheres me: nos bem vestidas e com tanto mais admiradas por causa unicamente das suas linhas graciosas e da redondeza e firmeza de seus peitos.

Para remediar esta situação, experimentei todos os meios existentes e até segui os conselhos de varios especialistas sem nenhum êxito. Os resultados obtidos foram muito dinheiro perdido. Não quero dizer aqui o que tenho sofrido, mas os tinha a minha idea, o meu fim, o nada me desanimou para alcança-lo. Depois de mezes de investigações, acabei por descobrir um método que experimentalmente em mim mesma e que me deu resultados maravilhosos. Animada desde então pelo êxito cada vez maior de meu EXUBER BUST DEVELOPER, desejo que toda a pessoa p:uoc favorecida pela natureza faça um ensaio leal.

lher e joven que deseje ter um peito desenvolvido e firme.—Um tratamento de 2 a 3 semanas, requerendo somente alguns minutos diarios, pôde dar ao busto debilitado ou ausente o desenvolvimento e a firmeza desejaveis. O meu tratamento é exclusivamente externo. Nada de pilulas, comprimidos, sales, etc.

Se sustento que o meu método que descobri graças a um afortunado, é eficaz e infalivel, não é para glorificar-me com ele, mas com o unico fim de dar a conhecer um tratamento racional e higienico as pessoas que tem empregado inutilmente todos os remedios e que com o meu EXUBER BUST DEVELOPER ficaram maravilhadass dos resultados.

Envio gratuitamente a toda a leitora do jornal «Ilustração Portuguesa» que me mande recortado o coupon que vae no fim d'este anuncio, com o nome e endereço, o meio de dar ao busto o desenvolvimento e firmeza desejaveis.

ATESTAÇÕES DO MEZ DE JUNHO 1914

- II.º Sr. C. S. Rua de S. Nicolau, Lisboa, desenvolveu o seu busto 16 cm. em 4 semanas.
- II.º Sr. O. L. Rua da Bempostilha, Lisboa, desenvolveu o seu busto 15 cm. em 5 semanas.
- II.º Sr. D. G. Rua do Amed, Porto, desenvolveu o seu busto 16 cm. em 3 semanas.
- II.º Sr. G. G. Campo de Vriato, Vizeu, desenvolveu o seu busto 17 cm. em 3 semanas.
- II.º Sr. I. L. Rua Costa Cabral, Porto, desenvolveu o seu busto 15 cm. em 3 semanas.
- II.º Sr. K. K. Rua do Pinheiro, Setubal, desenvolveu o seu busto 16 cm. em 4 semanas.
- II.º Sr. H. G. Rua do Feteol, Santarem, desenvolveu o seu busto 15 cm. em 5 semanas.
- II.º Sr. h. V. Moura, desenvolveu o seu busto 15 cm. em 3 semanas.
- II.º Sr. Q. G. Rua Gloria, São Paulo, desenvolveu o seu busto 17 cm. em 4 semanas.
- II.º Sr. V. C. Rua do Meio, Pernambuco, desenvolveu o seu busto 15 cm. em 3 semanas.
- II.º Sr. G. J. Rua do Feteol, Santarem, desenvolveu o seu busto 15 cm. em 3 dias.
- II.º Sr. I. H. Rua Andrade, Lisboa, tem o seu busto fortalecido em 35 dias.
- II.º Sr. C. B. Rua do Bomfim, Porto, tem o seu busto fortalecido em 24 dias.
- II.º Sr. J. B. Rua Fresca, Porto, tem o seu seio fortalecido em 32 dias.
- II.º Sr. N. Vila Izabel, São Pedro, tem o seu busto fortalecido em 29 dias.
- II.º Sr. G. B. Rua Santana, Rio, tem o seu busto fortalecido em 25 dias.
- II.º Sr. V. G. Rua Saldanha, Bahia, tem o seu busto fortalecido em 32 dias.
- II.º Sr. G. D. Rua Bonsala, Bahia, tem o seu busto fortalecido em 27 dias.
- II.º Sr. D. B. Rua de Marco, S. Paulo, tem o seu busto fortalecido em 30 dias.
- II.º Sr. M. T. Rua da Beitarria, tem o seu busto fortalecido em 24 dias.

CIGARROS DE ABYSSINIA
EXUBARD
 Sem Opio nem Morphina.
 Muito eficazes contra a
ASTHMA
 Catarro, Opressão
 35 Anos de Bom Exito.
 Medallas Ouro & Prata.
 H. FERRÉ, BIOTIERE & Co.
 6, Rue Dombasle
 PARIS
 2 MAIS PHARMACIES

LUTA CONTRA A SURDEZ

Fazer ouvir como se faz ver não é do dominio medico, e a experiencia de todos os dias demonstra que, d'onde quer que ela venha, a medicina é insufficiente contra esta penosa e rebelde enfermidade.

O mais seguro meio de lutar com êxito contra a insufficiencia auditiva é fazer uso do maravilhoso Acustifoneo, cujo valor está consagrado por altas recompensas e clogiosos testemunhos ao seu inventor.

Não se gastando nem sendo necessario regular-o, este aparelho que nada tem de electrico é para o ouvido obliterado o que a luneta é para a má vista. Nem pesado, nem desagracioso, nem volumoso, pôde ser usado sem incomodo nem fadiga atraz da orelha, e em todas as circumstancias facilita a audição. De mais, o seu uso regular, tornado facil pela sua adaptacao pratica e dissimulada para todos, submete o orgão, que é estimulado e reduzido a uma justa ração, a incessante, que, sem ruemido e em qualquer cidade, assegura por uma modificação progressiva a volta normal das funções obliteradas e o desaparecimento das perturbacões auriculares.

O inventor dip'omado, monsieur Burg, Official da Academia, 34, rue Meslay, Paris, envia gratuitamente a quem lhe peça a brochura illustrada sobre esta bela invenção.

Brilhantes, perolas,

ouro, prata, papeis de credito, planos, mobílias, louças antigas, etc., etc. Sobre tudo o maximo valor e a juro reduzido empresta a antiga casa da rua do Norte, 14, 1.º. Telephone 4261. **SHORE & MIGUEZ**

CREME DEFLATORIO pronto a empregar.
 Leticio garantido.
 Perfumado. Tira rapidamente, a penugem, barba, os pelos mais rijos da cara e do corpo não produz nem borbulhas nem vermelhidão. não irrita a pele. — Envia discreto franco contra vale de correio de \$80 centavos.
 REPRESENTANTE: **JULES DELIGANT**
 15, Rua dos Sapateiros — LISBOA

HIGIENE E LUZ

CASA TRIUMPHO

72, Rua Augusta, 74—LISBOA
 (Frente ao Banco Credit)

Telefone 2428
 Mais de 3000 installações feitas por este antigo e conceituado estabelecimento a saber: Luz electrica, agua, gaz, acetyleno, campainhas, telefonos domesticos e a distancia, avisos, fechaduras e sinaes electricos.

Virgilio Ribeiro & Gonçalves, Ltd.
 SORTIDO MODERNO em lustres, candeleros, placas, pendentes, plafoniers, etc.

TALÃO GRATIS
 para o desenvolvimento e endurecimento dos seios. As cartas devem ser franqueadas e acompanhadas de 5 centavos e endereçadas a Helene Duroy, 674 E. 81, rue de Mironesnil, Paris.—Junta r um selo de 5 centavos a mais para a resposta.
 Nome Endereço

SELLOS DE CORREIO
 CATALOGO GRATIS E FRANCO
 Remittam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
 44, Rue de Maubeuge, 44 — PARIS

Collegio Nacional
SANTAREM
 Internato de 1.ª classe para meninas. Professoras estrangeiras, piano, canto, pinto, ra, arte applicada, etc., etc.



- Que delicioso perfume tem a tua mão !..
- É porque me lavo com Sabão HENO DE PRAVIA.